

## JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

### O julgamento que a República esperou

**Walber Andrade**  
walberfilho313@gmail.com

Há algo de profundamente simbólico no julgamento da ação penal 2668, será a primeira vez na História da República brasileira que um ex-presidente e militares de alta patente se sentam no banco dos réus por tentativa de golpe de Estado. É o que de mais civilizatório pode acontecer numa democracia: o momento em que as instituições funcionam como diques contra o autoritarismo.

Seria ingenuidade pensar que chegam aqui por acaso. A Constituição de 1988, tantas vezes vilipendiada por quem a tomou por estorvo no governo anterior, revelou-se mais resiliente do que suas predecessoras. Graças a ela, criou-se, ao longo de três décadas, um tecido institucional capaz de resistir aos sobressaltos da política brasileira – dos impeachments às crises econômicas, das operações anticorrupção às investidas contra o Estado de Direito.

O julgamento de Jair Bolsonaro e dos militares que com ele conspiraram não é apenas o epílogo de uma tentativa

frustrada de subversão democrática. É, sobretudo, a prova de que as instituições republicanas amadureceram o suficiente para se protegerem dos seus próprios inimigos internos. Desde 1889, quantas vezes os militares intervieram na política brasileira? Quantos golpes, quantos “movimentos revolucionários”, quantas “intervenções”?

Desta vez, aqueles que tentaram quebrar as regras do jogo democrático serão julgados, não por tribunais de exceção, mas por essas mesmas regras, sem interferências, sem corporativismos, sem a tradicional impunidade que sempre os blindou. O resultado desse processo delimitará responsabilidades, fixará um léxico sobre o que é golpe e oferecerá um antídoto contra a nostalgia autoritária.

O que está em jogo é a premissa básica republicana esculpida no caput do artigo 5º da Constituição: ninguém está acima da lei. É o triunfo da República sobre seus algozes históricos. Finalmente!

### Trump e a escalada do autoritarismo

**João Saraiva**  
joaoantoniosl@gmail.com

O retorno de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos expôs a fragilidade da democracia americana. O que parecia improvável – um retrocesso autoritário em pleno Ocidente – tornou-se realidade diante de uma escalada de arrogância e desprezo às instituições.

A manipulação da verdade virou rotina. Técnicos independentes foram trocados por aliados, e dados moldados ao gosto do poder. Como disse George Orwell, quem controla a informação controla o futuro.

Trump mobilizou tropas federais contra manifestações. O espetáculo da força, mais político que necessário, inverteu o princípio weberiano: “o monopólio legítimo da violência do Estado deixou de proteger para intimidar”.

O Departamento de Justiça virou arma contra opositores, numa corrosão institucional descrita por Hannah Arendt: “O direito deixa de ser universal e passa a servir à submissão”.

A imprensa foi tratada como inimiga: empresas de comunicação perseguidas,

jornalistas hostilizados, rádios ameaçadas. Assim começaram regimes autoritários – primeiro calando a crítica, depois as multidões.

No exterior, relatórios de direitos humanos foram manipulados para favorecer aliados e punir adversários. Direitos universais tornaram-se descartáveis, como alertou Zygmunt Bauman sobre a fluidez dos princípios modernos.

Os EUA de hoje não são a Alemanha de 1933, mas os ecos são perturbadores. O ódio contra imigrantes, a desumanização do “outro” e o ultranacionalismo lembram os primeiros degraus da escada que já levou a humanidade ao abismo. Primo Levi advertiu: “Aconteceu. Logo, pode voltar a acontecer”.

O estilo de Trump é um projeto político que busca calar a crítica e instrumentalizar a lei. Alexis de Tocqueville já lembrava: a tirania pode se apresentar com o rosto das instituições, mas esvaziadas de essência democrática.

A liberdade raramente se perde de uma só vez. Dissolve-se aos poucos e só se recupera com luta, memória e resistência. Eis a lição que a História insiste em repetir.

## O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

### Ampulheta

**Yasmim Dourado**  
Ex-Correspondente O POVO

As areias do tempo escorrem pelos meus dedos incapazes de segurá-las. A sensação de perder o tempo é incômoda, angustiante, gritante. Apesar de tanta máquina do tempo, não se tem ainda uma solução para o tempo diluído entre presente, passado e futuro. Em meio à transmutação entre esses aspectos, ainda são períodos diferentes, que não voltam, que estão mudando ou que hão de ser transmutados. Talvez, o tempo não precise de solução. Ouvi falar uma vez que ser adulto não deixa a beleza entrar tão facilmente. Não consigo aproveitar o agora, por revisitar o que já passou mais do que aconteceu, e por questionar além da conta o que há de ser. É a arte da inevitabilidade do tempo, que, por vezes, pode ser mais psicológico do que cronológico. Tenho pouco tempo para tudo, mas ele escorre do mesmo jeito. Não se tem mais o tempo que passou. O tempo perdido. Será que sentirei a amargura de querer desejar um tempo não perfeitamente aproveitado no futuro? Mas o que seria exatamente um tempo perfeitamente aproveitado? Tempo é Tempo. E tudo posto naquele que se perde.



### Os olhares da Liz e Clara contam longas histórias!

**Jacqueline Marques Melo**  
Jornalista

Em uma manhã dessas que o sol vai se espreguiçando lentamente, Liz e Clara, as gêmeas do 608 despertam ao som do apito do trem que passava bem na janela do quarto delas.

Com rapidez, subiram na cadeira e se alegraram com a passagem do trem. Parece até que esse transporte passava lentamente só para dar tempo das meninas espiarem todos os vagões.

O diálogo dos olhares delas deve ser assim:  
- Olha aquela menina com um balão azul!  
- Olha a outra na janela maior com uma boneca olhando pra gente!  
- E aquelas mais crescidas estão lendo livros de histórias!  
- Vamos acenar pra elas!

De vez em quando, levo essas doçuras para terapia. Elas usam o cordão do girassol, identificando uma deficiência oculta. Esse cordão é uma chamada para dar mais visibilidade e quem sabe, empatia nesse mundo tão desigual.

Liz e Clara seguem em salas separadas para as atividades na clínica.

Essa semana foi diferente. A Clara não teve nenhuma terapia. Depois que deixei a Liz na sala da fonoaudióloga, fui sentar com a Clara no tapete da recepção. Logo chegou uma linda menina com uma boneca com um paninho como se fosse um lençol.

Clara ficou toda animada e esticou as mãozinhas para tocar na boneca, mas a coleguinha não deixou. Nesse momento, ela lança um olhar pra mim. Esse olhar conta uma história tão longa e de imediato, antes que a tristeza chegasse, eu falo bem suave, que a boneca está dormindo e que tem um paninho igual o dela e da Liz. Lentamente a amiguinha vai ficando mais tranquila e receptiva.

Sem tirar os olhos do meu, Clara faz o sinal de silêncio e dá aquele sorriso todo lindo.

Ouvir essas doçuras falarem com o olhar e elas perceberem que estão sendo entendidas são passos certos na caminhada delas, na inclusão do dia a dia.

Eu tiro o chapéu para essas mães e pais atípicos que protagonizam diariamente episódios de superação, amor, dedicação e resiliência.

Essas mães que recebem diariamente olhares de reprovação, preconceito e falta de empatia.

Essa jornada é desafiante e muitas vezes silenciosa e sem plateia.

### Tio Sam x China

**Paulo Roberto Cândido**  
Ex-Correspondente mestre O POVO

Entre tarifas, melaços, narrativas e investidas vamos escorregando na pista do capitalismo selvagem e sendo domesticados, de um lado com ideologias de direita e por outro com ideologias de esquerda. O fato é que ao que parece, o povo brasileiro está num “mato sem cachorro” ou seria no “meio de uma cachorrada”? Seja qual for o significado dos ditos populares ou das metáforas deste escritor que filosofa, estamos vivenciando mais um período conturbado da História política do Brasil.

Eu que fui um estudante da disciplina Organização Social e Política Brasileira, conhecida por todos como “OSPB” e também aluno de Educação Moral e Cívica, matéria igualmente

integrante da grade curricular, sinto-me fortalecido e capacitado ao analisar o complexo estado de coisas que andam movimentando o jogo geopolítico entre guerras, balelas, querelas e até brincadeiras de mau gosto de certos poderosos, que se comportam como verdadeiros “meninos do buchão” que ficam arengando uns com os outros.

Nós que somos da América do Sul ficamos entre a cruz e a espada, o míssil e a missa, o Tio Sam e a China, o azul e o vermelho, a sombra e o espelho, enfim, entre o medo e o arremedo, restando-nos a continuar esperançosos de que Deus seja realmente brasileiro e de que as urnas ou cédulas eleitorais sejam santificadas por votos conscientes e por candidatos nobres, pacíficos e justos. Por enquanto, se correr o Tio Sam pega, se ficar a China come.

### Mãe/Mulher

**João Teles**  
Professor

A mulher é flor do dia  
Na vida, escola de amor  
Ela é mãe, é companheira  
E é filha do criador  
É professora, é amada  
Seja aqui ou onde for!

Mulher, mulher, todo dia  
Teu sorriso enfeita a vida  
Deixa cada filho seu  
Com a vida mais florida  
E cada pessoa (ou aluno)  
Com a visão mais comovida!

A mulher encanta o mundo  
Espalha doses de amor  
Faz brilhar dia após dia  
Os seus encantos de flor  
Vida longa, estrela-guia  
E espante o desamor!